

O DESESPERO COMO NECESSIDADE E APROFUNDAMENTO DO DRAMA DE VIVER: CIORAN E KIERKEGAARD EM DIÁLOGO

Elton Silva Salgado¹

Jorge Miranda de Almeida²

Resumo: Este artigo aborda o desespero como uma das principais categorias da Filosofia da Existência e chave de leitura para a compreensão da ambiguidade da existência humana. Nesse contexto, ele é ativo, organizado, prático e em seu bojo pretendemos enveredar por uma concepção lúcida e radical da condição do desesperar-se e da própria condição humana, para tanto, arrolamos o livro *Nos cumes do desespero* do filósofo romeno Emil Cioran (1911-1995). Neste trabalho, o desespero é uma espécie de grito bruto, de dor e de angústia ante o despertar, existencial e articulado, diante dos absurdos da vida, expressos em suas contradições absolutas. Por isto mesmo, propomos também o diálogo com o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855), uma vez que o escopo deste artigo é problematizar o desespero como um recolhimento ou reconhecimento da sensibilidade ante o trágico da existência e o desespero que daí decorre, pois o desesperar-se é, segundo Cioran, balizado por Kierkegaard, o único meio possível de filosofia e único antídoto contra a tristeza e a banalidade da vida.

Palavras-chaves: Subjetividade. Desespero. Kierkegaard. Cioran.

Abstract: This paper will examine the despair like a kind of the absurdities of life. For this reason, we also use for this dialogue the philosophers Emil Cioran (1911-1995) and Søren Kierkegaard (1813-1855), because the scope of this article is to discuss the desperation as recognition of the sensitivity to the tragic existence, and the despair resulting from it, like the only means of philosophy and only antidote against sorrow. In this context, we intend to examine the despair as a philosophical category that helps us to understand the journey of man to find yourself.

Key-words: Subjectivity. Despair. Kierkegaard. Cioran.

¹ Doutorando em Memória: Linguagens e Sociedade. E-mail: elton-salgado@me.com

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università Gregoriana; Pós-doutor pela UNISINOS-RS; Professor permanente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (mestrado e doutorado); professor titular Filosofia-UESB-BA. E-mail: mirandajma@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O desespero aparece na maioria das formulações filosóficas, principalmente durante o século XIX, como sinônimo ou resultado da desordem, do mal e da infelicidade do mundo, i. e., como um dos obstáculos insuperáveis do mundo. Schopenhauer (2005), por exemplo, já apregoava que a vida era desespero e asseverava que o nosso mundo é o pior dos mundos possíveis, pois a desesperança supera os prazeres, faz a felicidade inatingível e torna a vida um complexo sofrível de acontecimentos ruins, desprezíveis ou repugnantes. Assim, o desespero pessimista se nos mostra para além da antítese ao otimismo, mas, principalmente, como negação da possibilidade de progresso ou de qualquer melhora do gênero humano. Todavia, para além do sentimento contemplativo ou mesmo de resignação, vemos assurgir na primeira metade do século XX uma nova forma de desespero, que se quer ativo, organizado, prático e a serviço da emancipação das classes oprimidas. Estamos nos referindo a Walter Benjamin e a sua tentativa de organização do desespero como fonte de um método para escapar às vicissitudes de uma época que ele julgava sem compromisso e que pudesse estabelecer uma porção de desilusão e desconfiança, quiçá de pasmo ou espanto.

A tradição dos oprimidos nos ensina que o “estado de exceção” em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade. Nesse momento, perceberemos que nossa tarefa é originar um verdadeiro estado de exceção; com isso, nossa posição ficará mais forte na luta contra o fascismo. Este se beneficia da circunstância de que seus adversários o enfrentam em nome do progresso, considerado como uma norma histórica. O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no séculos XX “ainda” sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável (BENJAMIN, 1987, p. 224).

Mais tarde, o desespero se apresenta entre os existencialistas ante o assombro da certeza da morte, Sartre tenciona e reflete sobre a falta de sentido da vida ante o absurdo da morte, cujo resultado é o desespero como condição humana posto que o ser é nada, única possibilidade própria do ser “enquanto fundamento único do nada no coração do ser” (SARTRE, 1997, p. 128). Por isto mesmo, Camus irá fazer a sua defesa da vida e, principalmente, dos prazeres, afinal a vida é curta e é um pecado perder tempo, diz ele, e continua em tom provocativo: “todo mi reino es de este mundo” (CAMUS, 1962, p.94). Demais, o desespero é analisado por Heidegger como a angústia do mundo enquanto tal. Uma vez que o fato de “angustiar-se abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo”, isto é, como decadência que “remete a presença para aquilo por que a angústia se angustia, para o seu próprio poder-ser-no-mundo” (HEIDEGGER, 2008, p. 254). Todavia, para E. M. Cioran o desespero é muito mais do que um desgosto pela vida, mas uma corrente filosófica importante, sobretudo no século XX. Por isto, o nosso intento aqui é suscitar, a partir das leituras de Emil Cioran (1911-1995) e suas confluências com Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), os sentidos do desespero e que aflui para o diagnóstico de um ser “mortalmente doente”, ou seja, de um ser desesperado do desespero de si mesmo e que, por isto mesmo, se torna um potencial desesperançado. Pois, se para Cioran o desespero é um estilo de vida, um modo de pensamento e de vida, i. e., a maneira como o sujeito se constitui, então, cremos que é possível intuir que estamos tratando de modos de subjetividade e de subjetivação, de formas de atividade sobre si mesmo. De igual modo, Kierkegaard nos remete a primazia da existência, circunscrita na expressão “a subjetividade é a verdade”, donde o indivíduo singular constitui-se na existência e este deve se empenhar, enquanto existente que caminha livremente no mundo, para escolher a sua maneira de viver e descobrir a sua verdade mais verdadeira, aquela pela qual se queira viver e morrer.

O diálogo entre Kierkegaard e Cioran a partir da categoria do desespero abre uma perspectiva de compreender os vários modos ou estadios existenciais, onde o primeiro se configura num ser fechado em si mesmo que não reconhece a sua estrutura dialética e não se abre a relação constituinte de sentido e por isso não se reconhece desesperado e desconhece o verdadeiro sentido de edificar um eu; o segundo tem consciência do desespero mas torna-se prisioneiro da finitude e encontra na debilidade, no suicídio e na inautenticidade os fundamentos para sair da

condição de desesperado, mas está fadado ao fracasso e finalmente o indivíduo singular que transgride para inaugurar a relação original e que é capaz de dominar o desespero a partir do convívio com a angústia edificadora e formadora de homens ímpares pois quanto maior é a angústia, maior com certeza é a qualidade e originalidade do ser humano.

DESESPERAR-SE DE SI MESMO E DO MUNDO

Observamos em Cioran pelo menos duas asserções sobre o desespero contemporâneo, a princípio como mal-estar político e econômico, ou seja, como crise das formas de organização social e como acentuadas depressões cíclicas, e, em seguida, como sinônimo ou resultado da desordem, do mal e da infelicidade do mundo. Por outro lado, para Kierkegaard, o desespero é a *doença mortal*, isto é, a falta de coragem e singularidade e o refúgio a inautenticidade, a superficialidade, aos bailes de máscaras e convenções, não ousando e não arriscando tornar-se um si mesmo. O desespero manifesta-se em sua dupla dialética querer tornar-se si mesmo e implica as categorias do risco, do salto, da decisão e não querer tornar-se si mesmo em função do abismo e do risco inerentes a quem ousa voar sobre alturas profundas.

O desespero é sintomático: manifesta a doença própria da personalidade humana que a torna incapaz de realizar-se. Enquanto a angústia se refere à relação do homem com o mundo e suas múltiplas possibilidades, o desespero refere-se à relação do homem consigo mesmo, em que consiste propriamente o eu. Nessa relação, se o eu quiser ser ele mesmo, pois é constituído de finito e de infinito na perspectiva kierkegaardiana logo insuficiente a si mesmo, não chegará jamais ao equilíbrio e ao repouso. E se não quiser ser ele mesmo chocar-se-á também contra uma impossibilidade fundamental. Em um e outro caso tropeçará no desespero, que é *viver a morte do eu*, isto é, a negação da possibilidade do eu na vã tentativa de torná-lo auto-suficiente ou destruí-lo em sua natureza. Curiosamente, também para Cioran o desespero é um dos aspectos fundamentais da existência. Sendo assim, o nosso interesse, sobretudo por Cioran e a categoria do desespero, justifica-se no fato de que a desesperação é ainda pouco estudada e, mormente, a obra de Cioran — muitas

vezes severamente esquecida porque suas ideias são vistas como profundamente revoltadas com a vida e o homem.

Para a crítica geral, Cioran é o mais pessimista de todos os filósofos, desde Schopenhauer até Hartmann, e seus textos são encarados como niilistas, trágicos, dolorosos, angustiantes e desesperados. Entretanto, a nossa hipótese é de que por trás do intrépido desesperado de Cioran, para quem a vida contemporânea é miséria e degradação, há uma filosofia necessária e repleta de uma criticidade metódica. Por este aspecto, acreditamos que a sua *fenomenologia da desgraça* se constitui uma profunda análise antropológica, filosófica e histórica, entendida como consequência direta dos sentidos em que o desespero, o trágico, o melancólico, o lúcido e o desengano aparecem em seus pensamentos. No entanto, é sabido que Cioran estudou durante um período a obra de Kierkegaard e chega mesmo a citá-lo em alguns de seus livros, asseverando que o pensamento kierkegaardiano possuía feições extremamente desconsoladoras e angustiantes. Afinal, com Kierkegaard angústia se nos mostra como o estágio psicológico do ser-humano donde este revela uma dicotomia que é estar entre a realidade visível e a possibilidade de transcender o si mesmo. Conforme bem anotou Deyve Redyson:

Como a angústia, o tédio, a tristeza, a melancolia, o desespero é sem causa, isto é, não é desencadeado por algo de determinado, que pode ser individualizado, nomeado ou enfrentado. O desespero se desespera pelo próprio ser-desesperado sem motivo. O sentido do ser que vive o desespero é o mesmo ser que desesperado vive a noção de estar mortalmente doente, e estar mortalmente doente é estar desesperado do desespero de si mesmo que é no ser o ser em potencial como desesperado (REDYSON, 2011, p. 5).

Mas por outro lado, a angústia é na concepção kierkegaardiana ambígua como tudo aquilo que diz respeito ao humano enquanto percorre os caminhos diante da existência. Ela pode conduzir ao suicídio, mas também pode remediar e fortalecer o indivíduo singular em sua trajetória. É sintomática a afirmação constante em *O Conceito de Angústia* de que se “um humano fosse um animal ou um anjo, não poderia angustiar-se. Dado que ele é uma síntese pode angustiar-se, e quanto mais profundamente se angustia, tanto maior é o ser humano” (KIERKEGAARD, 2010, p. 163). A angústia é o antídoto contra o desespero, contra o sem sentido da existência,

Revista Húmus - ISSN: 2236-4358 **Set/Out/Nov/Dez 2013. Nº 9**

porém a cura está proporcionalmente relacionada a intensidade com que se vive a angústia, isto é, com que se confere sentido a ação de existir e não simplesmente resignar-se passivamente e viver a doença mortal da trivialidade do comodismo e da irracionalidade frenética e alucinógena do consumismo.

Cioran também concorre com testemunhos de que a história do século XX é a história de uma era de ilusões perdidas ou de uma história movida a golpes irracionais porque é dominada pelo fanatismo e este é responsável por construir paraísos enganosos. Deste modo, Cioran nos fala de um tempo de decomposição, incerteza, crise, catástrofe e desintegração do relacionamento social humano e ainda valia que a agressividade é a mola da história, o palco da barbárie e da decadência: “Somos animais metafísicos pela podridão que abrigamos dentro de nós. História do pensamento: desfile de nossos desfalecimentos; vida do espírito: sucessão de nossas vertigens” (CIORAN, 1995, p. 139). Aliás, para Cioran, a história é abominável porque faz dos homens escravos da própria importância que atribuem ao tempo. A história, como cenário dos feitos humanos, nos diz Cioran, é também uma prisão para o homem, porque lhe submete ao tempo, que não é outra coisa senão dispêndio de forças e cumulativo ilusões, por isto mesmo é que só resta-lhe morrer de desgosto, vítima do pânico de viver sem objetivo.

O homem desocupado que ama a violência salvaguarda seu *savoir-vivre* confinando-se em um inferno abstrato. Deixando de lado o indivíduo, ele se liberta dos nomes e dos rostos, responsabiliza o impreciso, o geral, e, orientando para o impalpável sua sede de extermínio, concebe um gênero novo: o panfleto sem objetivo (CIORAN, 2011b, p. 28).

Como traços da desesperação contemporânea, os críticos afirmam que a experiência política recente evidencia o avanço de mecanismos de coerção, e estes mecanismos demonstram que vivemos o oposto dos princípios da Idade Moderna porque experimentamos a sensação de estar perdendo progressivamente as fontes do sentido e de significância de nossa própria vida ou mesmo que estas próprias fontes da vida cultural estão secando. Entretanto, para Emil Cioran está fonte jamais secará,

porque o seu curso é assim mesmo, ou seja, a existência é o nosso exílio e o vazio é a pátria de todos nós. Pois, de acordo com Cioran, a existência é uma inconveniência.

Quando enchemos todo o universo de tristeza, só nos resta, para reavivar o espírito, a alegria, a rara, a fulgurante alegria; e é quando já não esperamos mais que sofremos a fascinação da esperança: a Vida, presente oferecido aos vivos pelos obcecados da morte. (...) As frases amargas emanam de uma sensibilidade magoada, de uma delicadeza ferida. (...) Toda amargura esconde uma vingança e traduz-se em um sistema: o pessimismo, essa crueldade dos vencidos que não podem perdoar à vida haver frustrado sua expectativa (CIORAN, 1995, p. 15).

Cumprido lembrar que E. M. Cioran é autor de uma obra marcada por uma certa dose de urgência do pior e, graças a isto, ele é tido como um niilista completo e um pessimista de alma. Como exemplo disto, basta que se observe os próprios títulos de seus livros principais: *Nos cumes do desespero*, *Breviário de decomposição*, *Silogismos da amargura*, *Esse maldito eu* e *O inconveniente de ter nascido*. Deste modo, há quem diga que a sua obra seja a mais pessimista da história da filosofia, posto que é totalmente baseada na tragédia, na angústia, na desdita, no funesto, enfim, no desespero completo de um mundo de fatalidades e desgraças.

Para Cioran, não há um recuo a idéia de que o mundo é o pior, ele é o pior, então é o pior. (...) Como a angústia, o tédio, a tristeza, a melancolia, o desespero é sem causa, isto é, não é desencadeado por algo de determinado, que pode ser individualizado, nomeado ou enfrentado. O desespero se desespera pelo próprio ser-desesperado sem motivo. O sentido do ser que vive o desespero é o mesmo ser que desesperado vive a noção de estar mortalmente doente, e estar mortalmente doente é estar desesperado do desespero de si mesmo que é no ser o ser em potencial como desesperado (REDYSON, 2011, p. 08).

Por outro lado, nós a vislumbramos com algumas obras filosóficas de E. M. Cioran, especialmente em seu olhar sobre a história, uma mirada sombria que percebe as núpcias entre a história, o homem e o apocalipse. Pois, de acordo com aquele autor, “o homem caminha para a sua própria destruição por meio da auto-objetivação, da produção e reprodução impecáveis, do excesso de auto-análise e transparência” (CIORAN, 1995, p. 80). Neste sentido, vemos também na obra de

Cioran a temática da dissolução do mundo, da erosão e do colapso da ordem e suas formas de organização, da decadência ou do vácuo dos valores, a barbárie e a decadência na história, tudo isto balizado por um pensar filosófico que deslumbra o ser desesperado e cuja angústia é quase uma atitude metódica, porque faz da angústia uma filosofia necessária a existência do ser humano na terra. Ou seja, trata-se de uma atitude que faz de Cioran um “intrépido pensador sarcástico e impiedosamente pessimista”; e mais que isto: um defensor de que “viver não era nada mais que uma eterna e infame miséria”, isto é, a vida segundo E. M. Cioran é “uma fortuna angustiadamente desesperada, uma solidez da agonia estilizada nos paradoxos dos tormentos, uma incrível vocação para a dor”. E é deste modo que a languidez e melancolia que surgem em suas obras ajudam a contagiar “mortalmente quem o lê” (REDYSON, 2010, p. 18). Para Cioran, a vida é demasiado limitada, o mundo é sem sentido e o lugar onde nada se resolve e, sendo assim, existir é vergonha e humilhação, calamidade e infelicidade. Em suma, o ser é nada, uma criatura despedaçada e condenada a viver falsas verdades, o homem de Cioran é, portanto, o infeliz e o amargurado de encontrar-se vivo no mundo.

Por mais que eu saiba que não sou nada, ainda tenho que me persuadir verdadeiramente. Algo, em mim, recusa esta verdade da qual estou tão seguro. Esta recusa indica que em parte eu fujo de mim; e aquilo que em mim se subtrai à minha jurisdição e ao meu controle faz com que eu jamais esteja seguro de poder dispor plenamente de mim mesmo. E assim, à força de repisar no pró e no contra do único gesto que tenha importância, acaba-se por ficar com a má consciência de estar vivo (CIORAN, 1991, p. 56).

Por estas e outras, é que Cioran é recebido com o mais “radical dos niilistas, esquartejador, impiedoso, luciferiano” e ainda como aquele escritor com o “dom de negação e estilo”. Entretanto, ao nosso ver, o desespero dos textos de Cioran apresenta um traço de projeção, de estar no mundo e de manter-se realmente desperto, vivo. “Só os otimistas se suicidam, os otimistas que não conseguem mais sê-los. Os outros, não tendo nenhuma razão para viver, por que a teriam para morrer” (CIORAN, 1991, p. 56). Desta maneira, o pessimismo de E. M. Cioran, isto é, o seu código de desespero, é também a sua “formula de salvação” para que se continue existindo. De igual modo, Cioran nos diz de uma idolatria do progresso e de uma

ideia *non-sens* de que o homem constrói a felicidade que impulsiona a história, graças à noção de perfectibilidade — a grande ilusão de que brotam todos os fanatismos, nossa “megalomania nativa”.

Estamos todos em um ponto morto, igualmente diminuídos nessa ingenuidade em que se elaboram as divagações sobre o futuro. A longo prazo, a vida sem utopia se torna irrespirável, para a multidão pelo menos: sob pena de petrificar-se, o mundo necessita de um delírio novo. Essa é a única evidência que se deduz da análise do presente. Enquanto isso, nossa situação a nossa daqui, não deixa de ser curiosa. Imagine uma sociedade super-povoada de dúvidas onde, com exceção de alguns casos aberrantes, ninguém se compromete inteiramente com nada; onde carentes de superstições e de certezas, todos exigem a liberdade e ninguém respeita a forma de governo que a defende e encarna. Ideais sem conteúdo ou, para utilizar uma palavra totalmente adulterada, mitos em substância (Cioran, 1994, p.22).

Em termos kierkegaardianos, poder-se-ia dizer que é nesta relação (consigo) que o indivíduo singular se constitui como existente e que, diante de uma infinidade de escolhas e perante a contingência, deve-se assumir na sua angústia, no seu desespero, enfim, no seu próprio escândalo.

Mas é pelo escândalo que precisamente se manifesta a subjetividade, o indivíduo. Sem dúvida, que o escândalo sem escandalizado é um pouco menos impossível de conceber que um concerto de flauta sem flautista; mas até um filósofo me confessaria a irrealidade, mais ainda do que do amor, do conceito de escândalo e que ele não se torna real senão quando há alguém, quando há um indivíduo que se possa escandalizar (KIERKEGAARD, 2010, p. 155).

Se o escândalo está ligado ao indivíduo e, claro, à subjetividade em Kierkegaard, Cioran, por sua vez, nos escreve que não existe pensamento criador que ignore a sua subjetividade.

Ter uma seriedade infinita quer dizer estar perdido. Não se trata aqui do espírito calmo, nem da gravidade sem conteúdo das pessoas consideradas sérias, mas de uma tensão tão doida, que a cada momento da vida somos alçados ao plano da eternidade. Viver na

História perde então todo o significado, pois o momento é vivido como uma tensão tão exagerada, que o tempo se apresenta apagado e irrelevante diante da eternidade. É evidente que, diante das questões puramente formais, por mais difíceis que sejam, não se pode exigir uma seriedade infinita, pois elas são exclusivamente produzidas por incertezas da inteligência, sem despontar da estrutura orgânica e total do nosso ser. Só o pensador orgânico e existencial é capaz desse tipo de seriedade, pois só para ele as verdades são vivas, frutos mais de uma tortura íntima e de uma afecção orgânica que de uma especulação inútil e gratuita. Diante do homem abstrato que pensa pelo prazer de pensar, surge o homem orgânico, que pensa sob determinação de um desequilíbrio vital que está além da ciência e da arte. Gosto do pensamento que mantém o aroma de sangue e de carne e prefiro mil vezes, à abstração vazia, a reflexão gerada por uma efervescência sexual ou por uma depressão nervosa (CIORAN, 2012, p. 34).

O pensador orgânico que nos apresenta Cioran, nos fala do auge do desespero e de lá subverte as suas idiossincrasias em uma viva paixão, repleta de seu sangue e sua carne. E, como Cioran, escreve, segundo ele mesmo nos diz, sob o caos, a loucura e a efervescência, mas sem descuidar do paroxismo das antinomias ou dos limites das tensões, o filósofo romeno nos coloca diante de uma questão tão lúcida quanto radical. Vejamos:

Será que os seres humanos ainda não se convenceram de que já passou o tempo das preocupações superficiais e inteligentes, que é infinitamente mais importante a questão do sofrimento do que do silogismo, que um grito de desespero é infinitamente mais revelador que a mais sutil distinção e que uma lágrima sempre tem raízes mais profundas que um sorriso? (id. *ibid.*).

Neste sentido, a existência é a vivência humana concreta e subjetiva, verdadeira manação do sujeito que não pode ser contido em um sistema fechado. Kierkegaard nos diz que existir é, sobretudo, constituir-se como um indivíduo singular; logo, isso quer dizer um ser único, singular e livre.

(...) a cada instante real do desespero o desesperado carregada todo o possível passado como presente. Isto provém de ser o desespero uma categoria do espírito, e concerne, no homem, à sua eternidade. Mas não podemos estar quites com esta eternidade para toda eternidade; nem, sobretudo, rejeitá-la de uma vez, a cada instante em que

estamos sem ela, é porque já a rejeitamos ou a estamos rejeitando - mas ela volta, isto é, em cada instante em que desesperamos contraímos o desespero. Porque o desespero não é uma consequência da discordância, mas da relação orientada sobre si mesma (KIERKEGAARD, 1979, p. 57).

À GUIA DE CONCLUSÃO, O DESESPERO COMO NECESSIDADE E APROFUNDAMENTO DO DRAMA ESSENCIAL DE VIVER

Observe-se ainda que em seu livro *Nos cumes do desespero*, Cioran também coloca sob suspeita o tema da liberdade e nos diz que está cada vez mais convicto de que o homem seja o animal mais infeliz e desesperado no mundo porque está condenado a encontrar uma modalidade própria de vida jamais conhecida na natureza. Assim, a “pretensa liberdade (do homem) faz com que ele sofra mais do que qualquer outra forma de vida cativa da natureza. Nada surpreendente, por consequência, que o homem chegue a sentir inveja, às vezes, de uma planta ou uma flor” (CIORAN, 2012, p. 71). Em seguida, Cioran conclui que a ética individual tem de ser entendida como uma espécie de independência do livre arbítrio em relação à escravidão com respeito a si mesmo. Neste aspecto e em que pese a entrega aos prazeres, ser livre é não estar submisso, é não ser escravo dos prazeres, portanto. Algo que se aproxima com a noção de “estágio ético” de Kierkegaard, donde se percebe a vida organizada e séria do cidadão livre e responsável, que respeita as leis e a sociedade, e se preocupa com as exigências morais. Em sentido amplo, trata-se aqui de uma liberdade ativa, uma liberdade que tem domínio sobre si mesmo e que constitui o caráter viril da temperança e tal domínio, em Cioran, só se pode estabelecer a partir da relação com o logos, com a verdade. Em Kierkegaard, essa relação seria como a verdade subjetiva e autêntica, domínio da individualidade, por excelência.

Como se sabe, *Nos cumes do desespero* foi escrito por Cioran aos 22 anos de idade e é um texto em que sobejam os impulsos da idade e do lirismo, a ponto do manuscrito ter sido encaminhado sem quaisquer retoques ao editor. E logo às primeiras linhas, Cioran confessa ao leitor que se não tivesse escrito o livro, fatalmente teria posto um ponto final e trágico à própria vida, uma vez que, naquele

momento de sua vida, atravessava madrugadas insones, faustosas dos excessos e dos sofrimentos de existir. Todavia, reside ali, como já dito, o vigor da juventude no auge do desespero, i. e., uma vitalidade explosiva em que algumas vezes se nos assevera: “Não há em mim energia suficiente para fazer tremer todo o universo?” (CIORAN, 2001, p. 70). Por outro lado, a vida, a absurdidade é justamente o déficit de vida, ou seja, é o desespero de um caminhar entre esgotamento e a a agonia, cujo sentido último significa sentir o tormento entre a vida e a morte. Demais, como a morte se trata de algo imanente à vida, prossegue Cioran, quase toda a vida é uma agonia. E agonizar, define ele, é todo momento dramático de luta entre a vida e a morte, ou melhor: é o momento em que, nos cumes do desespero, o fenômeno da presença da morte é vivenciado consciente e dolorosamente. E eis aqui verdadeiro desespero e a verdadeira agonia, porque são estas duas sensações que nos fazem chegar ao Nada por meio da morte, momento em que a sensação de esgotamento nos consome irremediavelmente e quando a morte nos vence. Finalmente, sentencia Cioran, na autêntica atitude agônica existe um triunfo da morte, mesmo se continuarmos vivendo depois daqueles momentos de esgotamento.

Todavia, mesmo pelas cores insólitas, há em Cioran uma noção de desespero semelhante aos traços de Nietzsche sobre energia, ou seja, lemos em suas páginas que a beleza e a graça de existir residem em estado extremo e harmonioso de vitalidade, donde a melancolia procede da fadiga, enquanto a loucura jorra um acréscimo de força e donde se percebe que a prudência nada mais é que uma perda de energia. Neste momento, Cioran opõe o desespero ao grotesco. Se o primeiro nos conduz às mais drásticas e piores torturas, o segundo nos conduz à apatia. Sendo assim, o desespero revela toda a dor (e, claro, toda a beleza sofrível e caótica) da alma humana, estilhaçada na sua absurdidade, mas, ao mesmo tempo, revela-se aí o estado criativo do desespero; em que desesperar-se é aperceber-se do trágico, da tensão, da interioridade, enfim.

Se para Kierkegaard, o desespero era um dos aspectos fundamentais da existência e ele ainda nos diga que o desespero é a doença mortal própria do humano e que esta o torna incapaz de realizar-se no mundo porque o desespero revela a insuficiência do humano a si mesmo, Cioran nos revela que o desespero não é nem deve ser equilíbrio ou repouso. A primeira vista, estas duas asserções podem nos parecer uma antinomia, uma oposição entre extremos, porém, quando vemos Cioran

falar em pensador orgânico, não nos remete à noção de “pensador subjetivo” de Kierkegaard? E a noção de desespero de Cioran não nos parece mais uma tarefa, qual seja a de estar imerso na existência, governado pela interioridade? Finalmente, pensar o desespero, com Cioran e Kierkegaard, é pensar para além da abstração da existência; uma tarefa árdua porque é pensar as contradições da vida e se compreender como aí existindo (mesmo com imensa dificuldade de conseguir algum êxito nesta empreita).

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. “**Teses sobre o conceito da história, 1940**”. In: _____. **Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. Obras escolhidas. Vol. 1.
- CIORAN, E. M. **Silogismos da amargura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. **História e utopia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. **Breviário de Decomposição**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- _____. **Entrevistas com Sylvie Jaudeau**. Sulina: Porto Alegre, 2001.
- _____. **Exercícios de admiração**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- _____. **Nos cumes dos desespero**. São Paulo: Hedra 2012.
- CAMUS, A. “**Anverso y reverso**”. In: _____. **Obras completas**. Guadalajara/México: Aguilar, 1962.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 3ª ed. Rio de Janeiro/Petropolis: Vozes, 2008.
- KIEREGAARD, S. **Conceito de ansiedade**. Espasa Calpe, Cidade do México, 1983.
- _____. **Temor e tremor**. Editora Nacional, Madrid, 1990.
- _____. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010.
- _____. **O desespero humano**. São Paulo: Unesp, 2010.

REDYSON, Deyve. **Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao centenário de nascimento.** Rio de Janeiro: Sulina, 2011.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação.** São Paulo: Unesp, 2005